

AS LINGUAGENS VERBAL E NÃO VERBAL NO CONTEXTO E NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO

Caroline Ellen VESPA
Leandro Lourenço de ALMEIDA
Universidade Federal de Alfenas
carol_cev@hotmail.com
almeidalleo@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como intuito apresentar os resultados parciais obtidos com a aplicação de atividades ligadas à linguagem verbal e não verbal em turmas de ensino fundamental, mais especificamente, os recursos que o cinema, quadrinhos e literatura podem oferecer para a comunidade estudantil. A pesquisa faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).

O corpus do trabalho é constituído por algumas atividades desenvolvidas em sala de aula, que nos fez levantar alguns questionamentos sobre os usos decorrentes das tecnologias e dos recursos verbais juntamente dos não verbais: sabe-se que o sistema de educação atual exige dos professores os diversos usos dessas tecnologias e desses recursos de apoio ao aprendizado, porém quase não se veem professores que utilizam destes mecanismos e grande parte dos que usam o fazem de maneira equivocada. É, portanto, possível que os meios de linguagens verbal e não verbal, além de abrir diferentes possibilidades para o professor, auxiliem no desenvolvimento da leitura e na capacidade de inferência do aluno?

Palavras-chave: linguagem, verbal, não verbal, Inferência, cognição.

1 Método e desenvolvimento do trabalho:

Aplicamos inicialmente, em um sexto ano, a primeira atividade, que consistia em projetar na parede uma série de imagens aleatórias e pedir que os alunos escrevessem cada um uma história (sendo que na projeção apareceria uma imagem por vez). A turma deveria escrever de três a cinco linhas por imagem e tinha em torno de cinco minutos para fazer isso até que a imagem seguinte aparecesse, substituindo a anterior. Interessante ressaltar que a interpretação da imagem deveria ser feita pelo próprio aluno e ninguém deveria falar nada sobre o que estivesse sendo exposto a ele, caso perguntasse sobre. Ao fazer isso, estávamos querendo alcançar a raiz da capacidade de interpretação do aluno e alcançar também o entendimento sobre como ele faz o uso das inferências e de sua vivência de mundo ao traduzir semioticamente aquilo que via e que tinha que transpor ao papel. Nosso objetivo era fazê-los utilizar a habilidade de leitura de imagens (mensagens) para que construíssem novos signos (a história que escreveram) e não simplesmente reproduzíssem o que observavam.

“As mensagens podem ser analisadas em si mesmas, nas suas propriedades internas, quer dizer, nos seus aspectos qualitativos, sensoriais (...). Podem também ser analisadas no seu aspecto singular, como uma mensagem que existe, aqui e agora, num determinado contexto, oferecendo-se à percepção (...)” (SANTAELLA, 2002).

Também consideramos de extrema importância que possamos mostrá-los outras manifestações de linguagem, pois na escola se está acostumado, na maioria das vezes, apenas a se trabalhar com a linguagem verbal (e a maioria das vezes na relação quadro-giz). Assim, nosso trabalho também visa abrir os horizontes dos alunos, fazendo assim com que eles possam ver/ler o mundo de outra forma, e também perceber que a imagem não é apenas um elemento decorativo ou algo do tipo; que nela há também uma forma de linguagem e um significado.

“A partir de uma abordagem genérica dos processos significativos de imagens em diferentes veículos, pretende-se mostrar como nos meios de comunicação (cinema, televisão, mídia impressa, e mesmo na publicidade) a imagem significa (em termos ideológicos) diferente, tendo ora o status de linguagem, ora o de cenário ou ilustração.” (SOUZA, 2001).

Muitas das vezes nós, quer professores, quer alunos, abordamos estas formas de linguagem de maneira errônea. Cabe ao professor estudar junto com seus alunos as diferentes formas de comportamento do não verbal e como ele pode, não substituir, mas assumir à sua maneira um papel principal e diferenciado da linguagem falada e/ou escrita. Assim como nos elucida Barthes (2006, p.9):

“A substância visual, por exemplo, confirma as suas significações ao fazer-se repetir-se por uma mensagem linguística (é o caso do cinema, da publicidade, das histórias em quadrinho, da fotografia de imprensa etc.), de modo que ao menos uma parte da mensagem icônica está numa relação estrutural de redundância ou revezamento com o sistema da língua (...)”.

2 Primeiros resultados:

Percebemos que toda a turma se comportou bem (e isto não quer dizer que obtivemos simples “corpos dóceis”, mas sim alunos bastante participativos e motivados) e realmente apresentou interesse na tarefa, índice que inclui até mesmo os alunos mais indisciplinados e também os que acarretam menor desempenho na escola. O método de imagens sequenciais apresentou-se como a característica da atividade que acreditamos ser responsável por prender a atenção e gerar expectativas sobre qual seria a imagem seguinte. Planejar o tempo entre cada imagem e o número de linhas é também outro recurso que acreditamos ter sido indispensável, já que não permitiu ociosidade nem preguiça de desenvolver a ideia por conta do leve acúmulo de tarefas.

Aplicamos a mesma atividade nos oitavos anos e os níveis de desempenho foram também muito satisfatórios.

Redação 1:

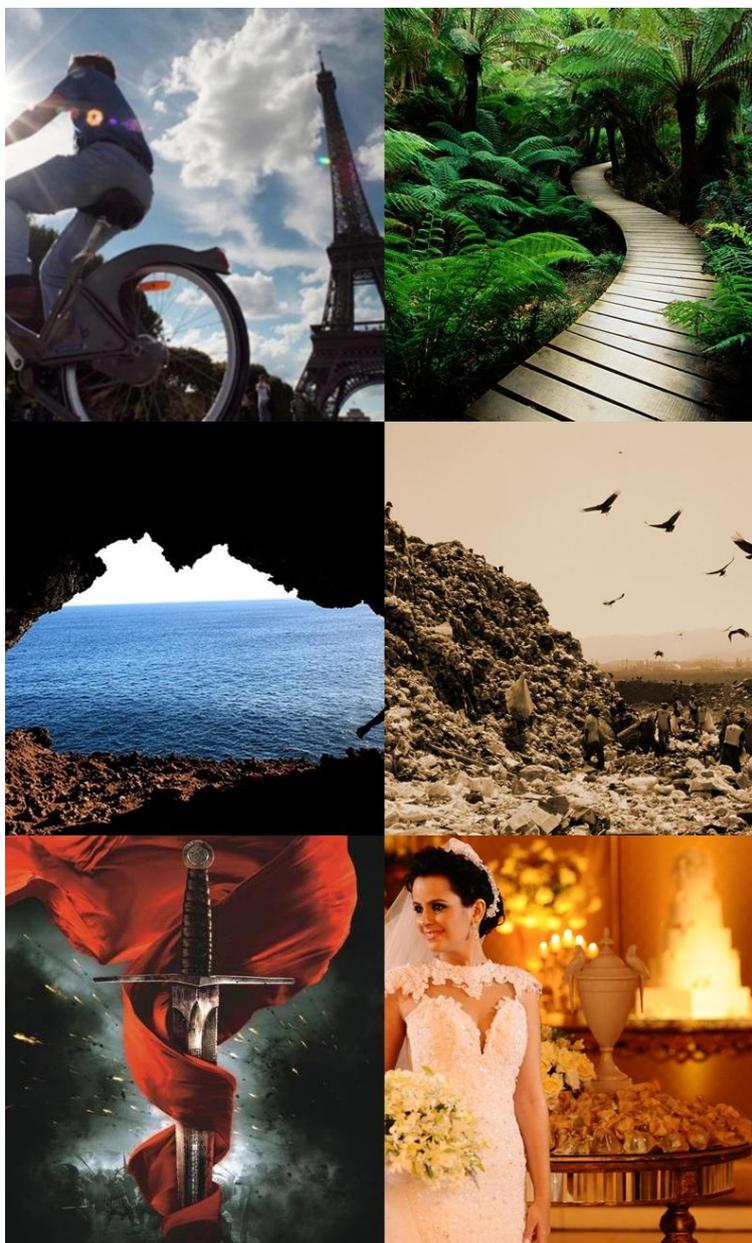
Os pássaros cantavam e brincavam... tão lindo! Mas, ele
 começou a pensar nos pássaros de sua cidade natal (onde morava
 antes) eles eram tristes e ficaram no lixo da cidade, procurando, o que
 comer. Des ficou triste, só de lembrar...
 E então, começou a pensar: "no mundo existem muitas diferenças
 sociais... é como se um espada dividisse o território pobre, do território
 rico"

Redação 2:

Chegou a hora de partir, retornar a bicicleta e, no caminho ele viu o lixão. Parou e começou a olhar. Ele pensou quando era pequeno quando não tinha dinheiro e começou a morar no lixão. Depois de um tempo ele saiu daquele lugar para não lembrar muito do seu passado.

Quando chegou na praça, ele viu uma estátua com um homem segurando uma espada e ele lembrou das guerras mundiais. Mas não queria pensar mais no passado, e novamente voltou a pedalar.

E para que possamos entender melhor as inferências nas produções dos alunos, como os dois pequenos trechos de redações de alunas apresentadas acima, seguem abaixo as imagens utilizadas para a atividade:



Como já dito anteriormente, percebemos que todos os alunos, mesmo os menos participativos, realizaram o proposto e a atividade pareceu despertar o interesse das turmas (tanto nos sextos como nos oitavos).

Alguns dos alunos do sexto, curiosamente e mesmo sem contato com recursos de figuras de linguagem, fizeram o uso de metáforas (como podemos observar na redação 1, em que a aluna optou por não usar a espada como o objeto em si, mas sim de uma forma figurada.); o que consideramos um grande avanço e também um bom desenvolvimento geral. Mesmo quando não fizeram o uso de figuras de linguagem alguns alunos conseguiram, ainda assim, desenvolver boa coerência para a sua narrativa com colocações bem pensadas e estruturadas (é possível observar estes elementos de narrativa na redação 2).

Sobretudo, a atividade pôde desenvolver um elemento que consideramos importante para as relações professor-aluno em sala de aula: a capacidade de despertar a curiosidade e entusiasmo pela atividade que se está produzindo.

Conclusão:

Por fim, concluímos de forma parcial que os recursos não verbais auxiliam no desempenho dos alunos quando bem ajustados a uma metodologia pensada com cautela e adaptada para os diversos tipos de relação das salas de aula. Quando estão em contato direto com a realidade dos alunos, estes recursos despertam um maior interesse da parte deles e servem também como impulsionadores para próximas atividades. O professor poderá utilizar ou adaptar o mesmo método para aplicar atividades que envolvam curtas-metragens, música, tirinhas e histórias em quadrinhos ou todo e qualquer outro tipo de aparato que possibilite construir as diversificadas formas de interação entre o verbal e o não verbal.

E ainda é importante destacar que estes dispositivos da verbalização e da não verbalização não desenvolvem instantaneamente no aluno as habilidades que ele ainda não tem. O uso destes recursos serve como canalizador das habilidades já existentes neles; o que não significa que não possam gerar futuramente outras habilidades. O aluno irá usar somente as aptidões que possui, mesmo que estejam estas adormecidas. A tarefa do professor passa a ser, então, trazer à tona estas habilidades para que não se cristalizem e não se percam.

Referências das imagens:

Imagem 1 :

http://www.bikers.cl/wp-content/uploads/2012/06/Paris_bici.jpg

Imagem 2:

<http://www.umnet.com/pic/diy/screensaver/1920x1200/Jungle-Path-1920x1200.jpg>

Imagem 3:

http://v.i.uol.com.br/album/guia/ilhadepascoa_f_036.jpg

Imagem 4:

http://www.praesens.com/Praesensdeutsch/assets/Image/Kino/Waste_Land/High/02.jpg

imagem 5:

<http://4.bp.blogspot.com/-bjcpeBuNYTI/UnhBFCYErcI/AAAAAAAAAChk/MroTk-pMsLA/s1600/espada-de-pedro.jpg>

imagem 6:

<http://blog.opovo.com.br/beleza/files/2012/04/10.02.12-Casamento-03-147.jpg>

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland: *Elementos de Semiologia*: tradução Izodoro Blikstein, Editora Cultrix, São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lúcia: *Semiótica Aplicada*: Editora de Desenvolvimento Eugênia Pessotti, 2002.

SOUZA C Clemente de, Tânia; A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação: Tcc, Uff, 2001.